

Jovens procuram cada vez mais o supletivo

Eliane Bardanachvilli

O número elevado de jovens que vêm procurando o ensino supletivo reflete as condições precárias da educação básica. Pesquisa realizada no Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC) revela que do total de alunos que concluem o 1º grau, entre 10% e 20% são graduados no supletivo — quando este percentual deveria ser praticamente zero. O número mostra que o supletivo cada vez mais se torna um sistema paralelo de recuperação do tempo perdido pelo aluno repetente e uma opção para quem precisa partir cada vez mais cedo para o mercado de trabalho. Dados da Secretaria de Educação do Estado do Rio mostram que, hoje, 65% dos estudantes do supletivo têm entre 14 e 22 anos.

“Os alunos repetem de ano várias vezes, acabam abandonando a escola, mas voltam para fazer o supletivo, que funciona como um atalho”, interpreta o coordenador da pesquisa, Sérgio Costa Ribeiro, que faz os levantamentos em educação no LNCC. Segundo a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE o número dos que concluem o 1º grau, seja pela escola regular, seja pelo supletivo é de pouco mais de 1 milhão.

“A diferença entre o número total e o número dos que se formam pela escola

regular, obtido pelo censo educacional do MEC, nos dá que se formam pelo supletivo entre 100 mil e 200 mil”, explica Sérgio. Dos cerca de 3 milhões na faixa dos 14 anos que deveriam terminar anualmente o 1º grau, o MEC registra a conclusão de apenas 40%.

A situação se agrava quando se sabe que o aproveitamento no supletivo é baixo. Um levantamento realizado em São Paulo, no supletivo do Colégio Santa Cruz, pelo pesquisador Sérgio Haddad, do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi), mostrou que o índice de aprovação é pequeno e que menos de 5% dos que prestam exames são aprovados nas disciplinas de Matemática e Ciências. Segundo Sérgio, o desempenho melhor fica para disciplinas como Estudos Sociais e Moral e Cívica. Ele flagrou também a juvenilização do corpo de alunos, que até os anos 80 tinha em média 23 anos e hoje tem 19.

Sérgio lembra que a demanda alta para o supletivo é própria dos países subdesenvolvidos, com altos índices de analfabetismo. Segundo ele, os alunos jovens que vão se atrasando no processo escolar e acabam trocando a escola regular pelo supletivo. “Enquanto os índices de analfabetismo estão caindo (a previsão do Censo de 91 é de queda de 23 milhões para 17 milhões), ampliam-se a repetência e a evasão da escola regular. “Não podemos permitir que o ensino regular passe a contar com o ensino supletivo”, alerta.